

Evidenciando a fragilidade doutrinária e a pouca expansão do movimento monarquista, a presente pesquisa evidencia, de forma cabal, que os primeiros tempos da república foram mais tumultuados e periclitantes do que o que nos faz ver a historiografia. E foram, surpreendentemente, mais marcados pelas bandeiras monárquicas do que se poderia supor.

*Helofsa Liberalli Bellotto*

REALE, Ebe. *Menotti Del Picchia*, Rio de Janeiro, AC&M, 1988

Este é mais um feliz empreendimento cultural, resultado de um projeto editorial auspiciosamente patrocinado pelo Moinho Santista S.A., gesto este que demonstra a sensibilidade havida por parte da Empresa e de seus Diretores para com as coisas da cultura e da memória de nosso país.

Trata-se de uma publicação de luxo e de bom gosto, cujo nível técnico e qualidades gráficas, sem dúvida, dignificam e condizem plenamente com o objetivo primeiro desta obra, ou seja, o de homenagear o escritor, jornalista e poeta paulista Menotti Del Picchia. Não bastasse o fato de haver chegado aos quase cem anos de vida – uma existência comprovadamente rica e dinâmica – a personalidade marcante de Menotti por si só justificaria a iniciativa desta magnífica realização editorial, a par de estudos acadêmicos anteriormente efetuados. De responsabilidade da Dra. Ebe Reale, este valioso livro-documento representa uma pesquisa elaborada e consciente que, sem ser exaustiva, naturalmente vem contribuir para enriquecer o referencial bibliográfico tão necessário sobre personalidades, fatos e períodos da vida intelectual brasileira.

A diversificação das atividades, de interesses e de sua formação, na verdade, parece ter raízes no próprio breço. Nascido em ambiente receptivo às letras e às artes, Menotti Del Picchia conviveu e aprendeu, desde cedo, a amar também a natureza – afinal, inspiradora de sua primeira e mais famosa obra poética *Juca Mulato* dando início, assim, a uma brilhante carreira literária. Também cedo, suas experiências jornalísticas deram-se nos bancos escolares renunciando uma ativa trajetória que de fato veio a evoluir de forma significativa nos meios do periodismo paulista; ali deixou sobretudo memoráveis crônicas e artigos num estilo extremamente pessoal e onde ficou documentada sua presença como poeta, escritor e jornalista. (ver: *O Gedeão do Modernismo: Menotti Del Picchia no Correio Paulistano, 1920-1922*. Yoshie S. Barreirinhas, 1983).

Tendo sido um dos articuladores da Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, Menotti participou intensamente do movimento modernista, integrando também o chamado “grupo dos cinco” ao lado de Mário de Andrade, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade. Foi uma época de grande agitação sócio-cultural impulsionada, por assim dizer, pelo espírito renovador que norteava o movimento vanguardista, cujas atividades eram promovidas e difundidas através de reuniões, concertos, recitais e saraus, exposições e viagens, além das colaborações publicadas em periódicos – alguns de sua própria lavra; assim, autores e obras iam se firmando, também através de edições ao longo dos anos vinte principalmente.

Dissidente do grupo modernista, Menotti Del Picchia criava juntamente com Cassiano Ricardo e Plínio Salgado, o Movimento Literário Verde-Amarelo. A eles vieram juntar-se Alfredo Ellis Junior, Candido Motta Filho, Francisco Pati e posteriormente outros, cujas idéias identificavam-se num nacionalismo apaixonado e ufanista. Para melhor divulgar as obras e o pensamento do grupo recém formado, Menotti e Cassiano lançaram *Novíssima* (ver: *Novíssima: Estética e Ideologia na década de vinte*. Maria Lúcia F. Guelfi, 1987), uma revista cultural de excelente padrão gráfico, que veio a ser o núcleo inicial da Editorial Hélios – empresa fundada com o objetivo de editar, em princípio, as obras literárias dos verde-amarelistas. Em grande parte destas publicações eram observados alguns cuidados visuais como por exemplo: a presença das cores verde, amarelo e azul nas capas, ora distribuídas na ilustração, ora pelas letras do título ou em tarjas; e ainda o globo da bandeira nacional alternava-se com o perfil de um índio, como sendo a marca editorial da empresa. Esta “familiaridade” com o livro, muito provavelmente acabou levando Menotti a interessar-se também pelo aprimoramento visual das edições, o que respondia, sem dúvida, à sua sensibilidade para com as artes: em meados da década de vinte, a Hélios passou a editar outros autores e não foram poucos os belíssimos exemplares que surgiram sob sua chancela, ilustrados por artistas como Paim, Di Cavalcanti e Belmonte.

Na verdade, Menotti Del Picchia cultivou as artes plásticas, praticando-as ao longo dos anos; orgulhava-se particularmente de sua produção artística, muito embora sem qualquer ostentação frente ao público. Autodidata, era disciplinado e compenetrado ao manejar o pincel e ao trabalhar o barro, obtendo contudo maior liberdade no traço de seus desenhos a lápis ou à pena. Havia uma nítida predileção em representar a figura humana, especialmente o retrato. Um indisfarçável narcisismo revela-se pela freqüência e facilidade com que se auto-retratava ou caricaturava. Foi, aliás, com um de seus melhores exemplares que Ebe Reale ensejou a abertura desta publicação, seguida de uma série de fotos à guisa de sumário iconográfico: de sua infância, do trabalho literário, atividades plásticas e textos inéditos.

Como “Menotti e o Verbo”, o livro traz de início, a transcrição da Conferência proferida pelo jurista e amigo Dr. Miguel Reale, quando das comemorações dos noventa anos do poeta. Segue-se uma biografia concisa de Menotti entremeada de fotografias pessoais, com familiares, em diversas etapas de sua vida social, profissional e política, bem como entre os modernistas – e, exatamente “na noite das vaias”. Alternando com esta documentação de caráter pessoal, a autora valeu-se de publicações literárias – hoje edições raras – algumas das quais pertencentes ao acervo bibliotecário do Instituto de Estudos Brasileiros da USP; a bela visualização de algumas capas vem, sem dúvida, acrescentar valores plásticos a estas páginas, porquanto obras como *As máscaras* e *A angústia de Don João* (ambas do início dos anos vinte), foram na época lançadas como edições de luxo e iluminadas, respectivamente por Paim e Mick Carnicelli. É dado o devido destaque às primeiras edições de *Juca Mulato* e *Moisés* (ambas de 1917) tendo a última – capa e miolo – sido desenhada pelo próprio autor (ver: *A ilustração na produção literária em São Paulo, década de vinte*. Yone S. de Lima, 1985).

“Menotti e a imagem” define claramente a segunda parte deste livro. Considerando-se que o poeta tenha se imortalizado através de sua obra literária, causa grande impacto a produção plástica aqui magnificamente repro-

duzida em ampliações a cores. Revelam um Menotti artista, essencialmente figurativo, capaz de transportar para a pintura ou para a escultura, os mesmos valores técnicos que lhe facultava o desenho. São retratos, figuras, paisagens e composições pelos quais nos é dado conhecer sua tendência para o realismo, com uma clara preocupação da fidelidade ao modelo, suas incursões pelo cubismo bem como seus ensaios com alegorias e símbolos, próprios da fantasia e do surrealismo. Alguns destes aspectos são visíveis aqui através de telas, praticamente inéditas, pelas cabeças que deixou no bronze e de vários desenhos caricatos e humorísticos, onde se identificam companheiros e amigos seus.

“Menotti inédito”, corresponde à parte da publicação em que é transcrito um pequeno texto, já datado dos anos setenta, seguido pelo capítulo final “Menotti e Dom Quixote”. Este tema de particular predileção inspirou seu poema *Amores de Dulcinéia* e levou-o a criar, no bronze e na tela a óleo, as figuras antológicas de Quixote e de Sancho Pança – imagens que encerram o livro numa seqüência de magníficas reproduções.

Justifica-se pois, plenamente, a Menção Honrosa do Prêmio Santa Rosa-1989, conferida a esta belíssima publicação pelo Instituto Nacional do Livro/Ministério da Cultura.

Sobre uma publicação de tal envergadura – cultural e editorial – só temos a lamentar que seu acesso não seja facilitado ao público verdadeiramente interessado.

*Yone Soares de Lima*